

ITAQUERA VIROU CIDADE (1984-1992)

*Rachel Eny Arruda Bonomo Costa**

Em finais dos anos 80 iniciei um projeto sobre Educação Ambiental na região leste da cidade de São Paulo, com alunos e moradores dos bairros de Itaquera e São Mateus. Estes procedimentos integravam a proposta de Meio Ambiente levantada por alguns técnicos, simpatizantes e militantes do Partido dos Trabalhadores, para a gestão administrativa de Luíza Erundina, no período de 1989 a 1992, no Depave (Departamento de Parques e Áreas Verdes), da Secretaria de Serviços e Obras da Prefeitura do Município de São Paulo.

A proposta, na época, consistia em se trabalhar o meio ambiente numa visão de defesa da vida em toda a sua extensão. E o procedimento era posicionar-se sobre a degradação ambiental a partir da Educação Ambiental, entendendo que, por esta via, se materializaria uma nova concepção de uso que permitisse o livre desenvolvimento do ser humano – em todas as suas potencialidades individuais e coletivas – e a proteção ao meio ambiente, criando formas de participação junto à comunidade, sempre pensadas no respeito à diversidade ambiental e social.

A perspectiva que perseguíamos, no desenvolvimento do trabalho de Educação Ambiental, era o compromisso com os indivíduos e as organizações civis no questionamento da visão meramente econômica, tentando compartilhar e efetivar uma política de educação ambiental de resgate da história e culturas locais que tivessem traços de respeito à vida. Entendíamos que, ao recuperarmos a cultura ambiental do lugar, estaríamos resgatando a história do cotidiano com relação ao processo de degradação e as identidades territoriais perdidas e construídas durante esse processo.

* Mestranda no Programa de Estudos Pós-graduados em História, PUC-SP.

Essa experiência junto aos moradores de Itaquera e São Mateus, da qual participávamos com caminhadas pela mata e reuniões técnicas para análise das condições socioambientais da área do Parque e da Mata do Carmo, envolveu-me no cotidiano daquela periferia, pois ali passava dez horas do dia, todos os dias da semana, inclusive nos finais de semana, pelo menos durante os anos de 1989 e 1990. Além do mais, o trajeto percorrido todos os dias me induziu a incorporar as necessidades do lugar: transporte eficiente e coletivo, saneamento básico, coleta de lixo, moradia digna, enfim, toda a carência de uma periferia, visível ao longo do percurso e no rosto e na fala de cada um.

As motivações que me levaram a essa pesquisa foram muitas. A começar pela identificação com o lugar – a periferia. Nasci numa periferia, cresci e vivenciei a periferia da região leste da cidade de São Paulo. Lembro-me que íamos para a “cidade”, quando nos referíamos às idas (poucas e raras) ao centro de São Paulo. O ônibus que nos recolhia para esse passeio vinha com o nome de *Cidade*. Gostávamos, eu e minhas irmãs, de acompanhar o trabalho de asfaltamento das ruas, o que, segundo meu pai, era uma temeridade, pois provocaria a nossa “expulsão” do bairro, devido à valorização que acarretaria aos imóveis e terrenos do lugar e, por conseqüência, o aumento dos aluguéis. E ele tinha razão; vivenciara isso em toda a sua vida. Era imigrante italiano e experimentara as idas e vindas pela cidade de São Paulo nos anos de 1940 em diante: do Brás para a Liberdade, da Liberdade para a zona leste. Minha mãe, migrante do interior de São Paulo, da cidade de Porangaba, viera para a cidade grande também nos anos de 1940, fixando-se em São Miguel Paulista, pois, posteriormente, o meu avô havia conseguido emprego na Nitroquímica¹.

Essas questões sempre foram pertinentes para mim e, em especial, para esta pesquisa, a qual requer uma relação pessoal e direta entre pesquisador e pesquisado, na

1 Em 1935 instalou-se, ao pé da Estrada de Ferro Central do Brasil a Companhia Nitroquímica, adquirida por brasileiros, de empresários norte-americanos. Até os anos de 1950, foi a Companhia Nitroquímica o principal fator de geração de emprego e de aglomeração populacional ocorridas nas proximidades dos trilhos da ferrovia. Em 1945, a Nitroquímica possuía 4.000 operários da localidade e das vizinhanças de São Miguel Paulista, que se transformou no núcleo polarizador de toda a área de subúrbio da zona leste, que até então permanecia ligada às atividades rurais. A instalação da Nitroquímica na região constituiu-se quase que um fato isolado, pois a formação de um pólo industrial ocorreu em outra região da cidade. Entretanto, a intensificação do processo migratório, a partir dos anos de 1950, proporcionou um perfil, àquela região, de uma região dormitório. A população migrante, não podendo pagar pelos benefícios e pelos serviços públicos existentes nas áreas mais centrais, foi localizar-se nos bairros da região, distante do centro e carente de toda infra-estrutura.

tentativa de responder ao próprio projeto de pesquisa: os conceitos de cidade e periferia, lembranças do lugar, representação e identidade.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, o recurso da história oral é fundamental, não só no sentido de produzir uma documentação que permite ao pesquisador analisar, mas porque os temas que exploro são indagações minhas, que estão nas minhas lembranças.

A escolha do tema se deve ao fato de acreditar numa mudança do papel dos que representam o segmento social trabalhado, como atores sociais que emergem exigindo o exercício à cidadania e de dar vez e direito à voz a esses sujeitos, no meio intelectual e no reconhecimento desses no processo de criação da história.

O contato com a SAL – Sociedade Ambientalista Leste –, entidade criada por moradores dos bairros de São Mateus, Itaquera e adjacências, a partir do antigo movimento popular SOS Mata do Carmo, que lutou pelo fechamento do lixão de Itaquera/São Mateus em 1985, defendeu a criação da Área de Proteção Ambiental do Parque e Fazenda do Carmo, em 1989, e, recentemente, lutou pela regulamentação da APA, possibilitou-me conhecer vários dos sujeitos que vivenciaram todo ou parte do período de luta, de conquista e de refluxo para a realização dos projetos discutidos.

Atualmente, a SAL tem ampliada a sua atuação, não se restringindo aos limites da APA Fazenda e Parque do Carmo, e sim na divulgação e implementação de atividades pedagógicas e ecológicas junto às escolas da região e com a comunidade em geral. Os moradores, participantes da SAL, também têm o projeto de manter viva a memória, coletando depoimentos de antigos e novos militantes.

O trabalho, principalmente com fonte oral, é um projeto de resgate e construção da memória desses sujeitos-moradores, na sua preocupação e experiência ambientais, dentro de um espaço da cidade de São Paulo onde se estabelecem, projetam e realizam as suas vidas.

Na perspectiva de estudar a memória desses sujeitos-moradores num período recente (1984-1992), realizando entrevistas orais, penso que a construção da narrativa está associada às tendências das reflexões e pensamentos históricos e políticos atuais. Neste sentido, procuro estudar os temas ou elementos fundamentais retirados das entrevistas que constituem o cotidiano urbano desses sujeitos e que são apresentados na falta, na carência, na preservação do modo de vida, como se fosse um desafio à própria condição de sobreviver.

Há uma relação, portanto, do pesquisador com o tema trabalhado. A minha identidade entrelaça-se com as identidades coletivas do lugar, como um importante valor

de tais memórias e no afirmar minhas relações sociais cotidianas. Ou seja, existe uma relação pessoal com o tema da pesquisa e, nas questões que levanto, entrelaça-se a construção da minha própria identidade com as identidades daqueles sujeitos que, coletivamente, dão sentido e significado àquele lugar. E na busca desse sentido, do significado que os sujeitos sociais imprimem ao lugar/território, com suas memórias, é que situo o meu trabalho de historiadora. As referências para a reflexão sobre essas categorias encontrei-as em Thompson, Rolnik, Milton Santos e Ana Fani A. Carlos, Thomsom e Halbwachs. Thompson² trouxe a possibilidade de se trabalhar com os termos experiência humana, cultura e consciência, para a compreensão de uma realidade. E o que se pretendeu fazer neste trabalho é análise da experiência humana, ou seja, a experiência dos moradores dos bairros de Itaquera e São Mateus, levando em conta também os seus sentimentos, as suas normas e valores, que se traduzem no viver a família, no trabalho, na moradia, na comunidade.

Os moradores com o qual trabalho são bastante diversificados. Não só com relação aos sonhos e expectativas, como no exercer profissional e na trajetória de vida pessoal. São sujeitos que vivenciam o cotidiano urbano, mas que preservam o seu modo de viver, tendo como referencial comum a luta pela sobrevivência, no sentido da preservação do que consideram qualidade de vida: saúde (física e mental), por meio do fechamento do lixão e proteção da área verde da Mata do Carmo.

Na intenção de compreender as experiências dos moradores e as suas percepções sobre o fechamento do lixão e da conquista da Mata do Carmo como Área de Proteção Ambiental, recorro a Thomson.³ Através das lembranças desses sujeitos-moradores, tento descobrir as escolhas e os significados da luta dos momentos vivenciados.

Em Rolnik, sirvo-me das suas reflexões sobre a noção de território, no sentido do espaço real vivido e construído pelos sujeitos, a partir de suas práticas e experiências, para entender o conceito de periferia e cidade. Segundo Rolnik, “não existe um território sem sujeito, e pode existir um espaço independente do sujeito”.⁴ O espaço real vivido

2 E. P. Thompson. “Padrões e Experiências”. In: *A formação da classe operária inglesa*, vol. II, São Paulo, Paz e Terra, 1988; “Consciência de Classe”. In: *A formação da classe operária inglesa*, vol. I, São Paulo, Paz e Terra, 1989; “O termo Ausente”. In: *Miséria da teoria*, Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

3 A. Thomson. “Desconstruindo a Memória: Questões sobre as relações da História Oral e da Recordação”. São Paulo, CEDIC/PUC-SP, e “Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias”. *Ética e História Oral, Projeto História*, n. 15, São Paulo, Educ, 1997.

4 Sirvo-me, para tal, das reflexões desenvolvidas por R. Rolnik, em seu texto “História Urbana: História na Cidade?”, em *Cidade e história*, Salvador, UFBA/Faculdade de Arquitetura, ANPUR, 1992, pp. 27-9.

é território, e a subjetividade, segundo a autora, estaria nas relações que os indivíduos estabelecem entre si, configurando-se espacialmente. Ou seja, para além das relações funcionais, há todo o processo de significação, de percepção e de construção, e o que vai configurar-se como construção de uma certa territorialidade. E, também em Ana Fani A. Carlos, o sentido do lugar é percebido como aquele que “representa e fixa relações e práticas sociais produzindo uma identidade complexa que diz respeito ao mesmo tempo ao local e ao global”.⁵ Essas colocações são necessárias para a análise do significado do processo de luta para o fechamento do lixão e da nova territorialização – APA do Parque e Fazenda – com relação ao processo mais global de luta ambientalista, posto que os moradores aqui estudados se definem como ambientalistas.

Nessa abordagem, em que esses moradores fazem de suas práticas no cotidiano a revelação das suas representações e experiências, é que busco interpretar a percepção que possuem dessa periferia como território construído por suas múltiplas atividades, e o que significa para esses moradores a apropriação desse espaço na cidade de São Paulo.

Trabalhando no sentido de a Mata do Carmo ser uma rugosidade do espaço desses moradores, ou seja, uma marca existente e um lugar de memória – porque feito a partir da intervenção nessa configuração espacial da região leste –, parto para entender o significado da luta no processo de conquista da APA da Fazenda e Mata do Carmo, a partir do Movimento Contra o Lixão, em 1984, e da nova territorialização, com relação ao processo mais global da luta ambientalista. A Mata do Carmo é um lugar de memória porque é carregada de significados e porque é uma prática coletiva.

Nessa perspectiva, utilizo Halbwachs⁶ para o entendimento de “marca sobre o solo”, que evoca lembranças coletivas no espaço construído. Para Halbwachs, os hábitos locais são como a resistência, que permite perceber que a memória coletiva tem apoio sobre imagens espaciais. Daí, analisar a relação que esses moradores têm com a moradia, o bairro e a especulação imobiliária é importante para o entendimento das marcas imprimidas, de algum modo, por esses sujeitos, no território que construíram.

Trabalhando, então, a fonte oral, propus-me a reconstrução da história a partir da memória desses moradores, ressaltando a sua preocupação e experiência ambientais

5 A. F. A. Carlos. *O lugar no/do mundo*. São Paulo, Hucitec, 1996.

6 M. Halbwachs. “A memória coletiva e o espaço”. *Memória coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.

dentro de um espaço da cidade de São Paulo, onde se estabelecem relações sociais e representações que constantemente são recriadas.

Nesta perspectiva de estudar a memória desses moradores num período recente (1984-1992), os depoimentos orais colhidos são tratados no sentido de se perceber que a narrativa revela um processo de construção de uma representação de um passado. Percebe-se, também, que a narrativa traduz as preocupações desses depoentes e sua “visão” nas reflexões sobre os acontecimentos políticos atuais. Como delimitadores históricos, as categorias trabalhadas – memória popular, experiência social, lugar e território –, tendem a apresentar um extenso universo de memória registrado.

Os temas retirados dos depoimentos foram dados pelas narrativas dos próprios depoentes, a partir das falas comuns e que constituem ainda o seu cotidiano urbano.

Outra fonte trabalhada é a escrita, composta de Relatórios Técnicos, Processos Administrativos, Atas de Reuniões de movimentos ambientalistas e de Comissões Técnicas da Prefeitura, Boletins de Movimentos Sociais e Boletins Parlamentares, jornais de grande circulação e jornais de bairros. Esses documentos possibilitaram confrontar, e até distinguir, as políticas públicas projetadas e as aplicadas nas diferentes gestões municipais, para a cidade de São Paulo e para a região leste, bem como o cotidiano urbano dos bairros trabalhados, expressos nos jornais e boletins. Outros documentos trabalhados são os mapas e as plantas do MSP, da região leste da cidade de São Paulo, da APA Fazenda e Parque do Carmo e do Parque do Carmo.

Recorrendo, então, a fontes orais e, paralelamente, a fontes escritas, trabalho com a análise da vivência, das representações e dos significados dados por aqueles moradores. Procuo ver como a construção, elaboração e reelaboração dos seus valores se deram, a partir das experiências sociais, dos relatos constituídos na memória, resgatando a experiência da memória, a composição do seu cotidiano, o espaço real vivido, como noção de territorialidade, tanto nas lutas sociais e políticas como no seu lembrar.

O objetivo deste estudo, pois, foi analisar as experiências em relação ao processo de luta para o fechamento do lixão do Parque do Carmo, em 1984, vivenciada por homens e mulheres moradores nos bairros de Itaquera e São Mateus, na periferia da região leste da cidade de São Paulo – no espaço urbano e nas ações políticas dos períodos das administrações municipais de Mário Covas (1984 a 1985), de Jânio Quadros (1985 a 1988) e de Luíza Erundina (1989 a 1992). A região leste da cidade de São Paulo é analisada nesses três períodos distintos de administrações públicas municipais. A escolha desses períodos se deve ao fato de que o lixo, como elemento norteador da pesquisa, passa a ser o estopim, na região leste da cidade de São Paulo,

das novas organizações e mobilizações populares frente ao poder público, como do Movimento Contra o Lixão do Parque do Carmo em 1985 e, posteriormente, na mobilização desses moradores na construção do S.O.S. Mata do Carmo, movimento fundado em 1986 a partir da discussão e elaboração do Projeto de Lei da criação da Área de Proteção Ambiental da Mata do Carmo. De cunho ambientalista, esse movimento e o MDVA – Movimento de Defesa do Vale do Aricanduva – organizam e mobilizam a população local para a aprovação, em lei, da APA do Carmo. Posteriormente o S.O.S. Mata do Carmo torna-se a SAL – Sociedade Ambientalista Leste, com preocupações mais amplas e mais complexas no que tange a discussão ambiental dentro da cidade de São Paulo. Nos períodos em que se sucederam as lutas, cada gestão administrativa respondia diferentemente às questões levantadas pelos moradores dos bairros de Itaquera e de São Mateus sobre o destino final do lixo coletado da cidade de São Paulo.

O ano de 1984 é marcado pelas passeatas, assembléias e mobilização de alguns dos moradores dos bairros de Itaquera e de São Mateus e adjacências, contrapondo-se às políticas e formas de encaminhamentos do então prefeito Mário Covas. A administração municipal de Jânio Quadros é lembrada pela omissão em relação às reivindicações encaminhadas, com diversos mecanismos burocráticos, no recebimento e tramitação das solicitações dos moradores de Itaquera e São Mateus para um tratamento adequado ao lixão. Nos momentos de práticas sociais e políticas dos moradores dos bairros de Itaquera e de São Mateus é que procurei compreender e construir a representação que esses sujeitos têm a partir do viver na periferia e no viver a periferia da cidade de São Paulo.

Ao tentar apreender o viver na cidade e o viver a cidade dos moradores dos bairros de Itaquera e São Mateus, procurei analisar o espaço real e o cotidiano urbano vivenciados a partir de experiências vividas por esses diferentes moradores. Em suas trajetórias de vida, esses moradores apresentam-se como sujeitos que preservam o seu modo de ver, possuindo um referencial comum de luta e com o seu projeto de vida, construído coletivamente no processo de luta.

São os moradores da região leste da cidade de São Paulo e participantes de pastorais, de comunidades eclesiais de base, alguns militantes de movimentos populares, sindicalistas e militantes partidários, estudantes secundaristas, universitários e professores.

Partindo desses moradores, são analisados seus valores e modos de vida, colocados em questões como, por exemplo, o que os estimulou a partir para uma prática política militante, visto que muitos deles, nas suas histórias de vida, não possuíam essa tradição?

O que experimentam e experimentaram, no cotidiano urbano, para assumirem esse vínculo de solidariedade para e na região leste de São Paulo?

Os sonhos e expectativas que motivaram esses moradores a entrar na luta pelo fechamento do lixão e, posteriormente, pela preservação da mata do Carmo, é parte de suas vivências, que estão em constante reelaboração no seu cotidiano urbano, na periferia da região leste da cidade de São Paulo. E é nesse espaço urbano, onde se fundam as expectativas, os sonhos, a esperança da emoção, que se constitui um território. Percebo assim, o território como projeto de vida a partir do qual são produzidas as imagens que a população tem do lugar e que são “narradas” nos depoimentos.

Nesse sentido é que analiso os movimentos S.O.S. Mata do Carmo e MDVA (Movimento de Defesa do Vale do Aricanduva). Esses movimentos nasceram a partir da iniciativa de moradores dos bairros de Itaquera e de São Mateus, com o objetivo de defesa da mata de uma região da cidade de São Paulo, que na década de 80 não era incluída no orçamento administrativo para melhorias dos poderes públicos municipal e estadual. Trabalho esses movimentos levando em conta a percepção que os moradores dessa periferia têm ao ver o seu espaço vivido que vai modificando-se e a percepção que têm da luta como elemento constitutivo da realidade social. Os movimentos S.O.S. Mata do Carmo e MDVA são trabalhados, também, como imagem/desejo que cada um dos indivíduos participantes investiu na sua relação com a história e na construção do seu território. Aqui, trabalho também o sentido do lugar para os moradores da periferia da cidade de São Paulo, contrapondo a fala desses moradores com a dos técnicos, nos debates e encaminhamentos propostos, por ambos os lados, para o lixo.